



António Gil: “Biqueira era doutrinalmente mais radical que Carvalho”

[Víctor Giadás](#) 8 de Junho de 2024

<https://pgl.gal/antonio-gil-biqueira-era-doutrinalmente-mais-radical-que-carvalho/>

A Através Editora lança novo livro: [Johán Vicente Viqueira / João Vicente Biqueira \(1924-2024\). Poemas e ensaios](#), coincidindo com o 100 aniversário da morte de Johán Vicente Viqueira, a chancela editorial da AGAL publica uma seleção dos seus textos editados e comentados pelo académico da [Academia Galega da Língua Portuguesa](#) António Gil.

Falamos com ele para entender melhor o pensamento linguístico, educativo e filosófico dum dos primeiros defensores da convergência ortográfica galego-portuguesa.

O livro recolhe as ideias de V/Biqueira em diversos âmbitos. Fica HOJE algo de V/Biqueira no pensamento atual galego?

Para o comum das pessoas e mesmo das associações, acho que as ideias biqueiranas ficam esquecidas, se nalgum momento foram conhecidas, e ignoradas. Porém, há pessoas, como José L. do Pico Orjais, que se preocuparam com o conhecimento e expansão da pessoa e ideias de Biqueira, também e mesmo familiar, através, por exemplo, da esposa Jacinta Landa e familiares, hoje mexicanos. Aí está o volume e CD que recolhe as canções (galegas, portuguesas e extremeñas) que Jacinta manteve vivas na memória.

Tempos atrás, estudiosos do krausismo (Ángel Porto Ucha e Purificación Mayobre) também se preocuparam com o conhecimento de Biqueira como protótipo do krausismo na Galiza e Portugal.

Para quem deveria ser uma leitura imprescindível?

Depende dos textos, dos artigos. Cumpre dizer que bastantes dos artigos ou série de artigos que Biqueira escreveu são consultáveis na rede, mormente no *Boletim da Institución Libre de Enseñanza*. Eu tenho recolhidos no volume *Obra Seleta* todos os artigos publicados em ANT. Neste de Através, *Poemas e Ensaios*, retomo alguns deles.

Interessantes para os especialistas são os textos, abundantes em proporção aos anos que Biqueira viveu, sobre psicologia, pedagogia e mesmo filosofia; transcrevo alguns traduzidos para português (galego) neste mesmo volume, *Poemas e Ensaios*.

Estamos no centenário da morte de Viqueira e, ligando com a pergunta anterior, achas que ainda importa a sua figura 100 anos depois?

Sem dúvida. Por exemplo, a sua proposta, esclarecida, da criação de uma faculdade ou, antes, universidade galega, verdadeiramente galega, em que a cultivação do idioma “próprio” seja primordial. Ou a criação de estabelecimentos educativos de “formação profissional” adequados às necessidades da sociedade galega. Ou apenas (?), referida aos processos comunicativos na Galiza, a prática do idioma coerente com a meta que Biqueira resumiu: “Viver no português é viver no mundo”, enquanto se afastar do português equivale a morrer como idioma e como comunidade singelamente humana. Esta é ideia forte que Castelão explicou generosamente no *Sempre em Galiza*. (Não paradoxalmente esta “bíblia do nacionalismo galego” pode ser considerada expansão das ideias e escritos de Biqueira sobre o Galego e a Galiza.

Este livro une-se à tua produção prévia sobre o filósofo, que novas abordagens traz o livro?

O meu trabalho, nos três volumes que dediquei à divulgação do pensamento biqueirano, cingiu-se a isso, a divulgar a sua conceção da Galiza, ele madrilenho de nação e educado e formado na *Institución Libre de Enseñanza*. No primeiro volume, editado pelas *Irmandades da Galiza e Portugal*, em particular graças a José Luís Fontenla, apenas procurei divulgar o seu pensamento, genericamente; no segundo, destaquei textos sobre tema musical, originais e traduzidos; neste saliento ideias e escritos sobre psicologia, pedagogia e filosofia.

Qual é a faceta menos explorada ou divulgada do escritor?

Com certeza não vos sei bem. Na minha procura achei artigos sobre Viqueira como introdutor ou estudioso ou divulgador da avançada *Psicologia experimental*, mormente alemã, embora com alguma detenção se ocupe de W. James, norteamericano, em diversos escritos. Também assistiu as aulas de H. Bergson, francês, cuja influência reflete em diversos artigos. Teve relação cordial, segundo parece, com L. Coimbra, português, filósofo do *Criacionismo*. Mas, salvo Porto Ucha e outras poucas investigadoras (sic), mal se estudaram as “crenças” krausistas de Biqueira, esperáveis, aliás, pela sua pertença “de toda a vida” à *Institución Libre de Enseñanza* e pela familiaridade com Giner de los Ríos, um dos seus fundadores, e Bartolomé Cossío, emparentado com os Viqueira López Cortón. Tanto que o “paço” de Vijó (Betanços) pode ser considerado residência de verão dos institucionistas.

O livro é o primeiro em sair durante o centenário do seu passamento. Lendo o livro entende-se a importância da personalidade de Viqueira, mas o silêncio oficial tem alguma razão de ser?

Espero que reeditados ou não sejam publicados mais livros sobre Biqueira (Porto Ucha, Blanco Trejo, Mayobre, ...) e de Biqueira referidos quer à Galiza, quer a filosofia e psicologia. Biqueira tem um meio artigo póstumo sobre Unamuno e a sua “filosofia patriótica espanhola”, publicado em *Alfar* (Crunha) e no *Boletín de la I.L.E.* Acho que merece atenção particular, apesar de ser inconcluso, porque expõe a sua conceção *nacionadora* da Galiza e sobretudo porque critica sem reviravoltas o nacionalismo patriótico, nada filosófico, do pensador basco, converso ao nacionalismo espanhol apesar deste não lhe ter reconhecido tal conversão sincera (sic). Cito do artigo em causa:

O pensamento de Unamuno nasceu sob influências que podem ser esclarecidamente determinadas: as tendências nacionalistas de carácter liberal, a influência do dinamarquês Kierkegaard e de alguns tipos literários e, afinal, o seu carácter, o qual não deve estranhar dada a

sua tendência subjetivista. Como no pensador dinamarquês citado, Unamuno descortina-se plenamente na sua filosofia.

Quanto ao nacionalismo, basta lembrar os nomes de Costa e Ganivet. Em Unamuno, por afinidade de carácter, parece ter influído mais o primeiro. Procuravam esses pensadores adentrar-se na alma espanhola pela qual decerto entendiam que era a alma da Espanha Central e do Sul. O facto de a Espanha não constituir uma unidade evidencia-se (cumprir lembrar) em que não existe nacionalismo espanhol, mas, tudo o mais, nacionalismo central castelhano e, junto deste, nacionalismo catalão, basco, etc. Ora, o nacionalismo de Unamuno, que se baseia naqueles pensadores, é nacionalismo imperialista castelhano. [Em nota de rodapé Biqueira explica: “Apesar de ser basco o sr. Unamuno. Este pensa que o basco é a quinta-essência (alcalóide) do castelhano.”]] Mas esse nacionalismo não pôde substancializar-se, porquanto não há tradição filosófica espanhola; pôde apenas orientar para alguns conteúdos.

E numa secção III, de título “Nacionalismo”, apenas iniciada, Biqueira diz:

Com isso enlaça o seu nacionalismo castelhano imperialista, que o leva até a exaltar Inácio de Loiola, Filipe II [de Castela; I de Portugal] e o fanatismo popular. El sentimento trágico da vida, núcleo da religião, resposta ao único problema vital no homem, vale por tudo. Sem isso, que vale o resto? “Que inventem os outros, se quiserem; nós pregaremos a volta à verdadeira religião.” Portanto, o distintivo da alma espanhola é, para Unamuno, o melhor que há no mundo.

Unamuno creu achar em D. Quixote um símbolo. Dom Quiote é a encarnação do sentimento trágico da vida.

Por causa da suas ideias e decisões podemos dizer que é um vulto incómodo para o lobby autonómico?

Sem dúvida. Em 1974 pôde lhe ser dedicado o Disa das Letras Galegas; hoje, muito dificilmente, dada a experiência (ou experimentação) sofrida com Carvalho Calero ou contra Carvalho Calero. Biqueira era doutrinariamente mais radical que Carvalho.

Para concluir, duas questões:

Porque recomendarias ler esta edição da obra de Viqueira?

Sem dúvida deve ser lida por todas aquelas pessoas que tentarem chegar a um conhecimento certo da teoria e práticas do *nacionismo* (não apenas nacionalismo) da Galiza, da corrente ideal e ideológica que procure fazer de “Galicia interior e exterior” uma nação (com estado) ou uma secção da Nação que já é Estado, Portugal, no seio da Federação Ibérica. Digam o que disserem, esta futurível Federação acha-se com bastante frequência tratada nos escritos biqueiranos e castelanianos (*Sempre em Galiza*).

O que tem que de especial com respeito a outras, se as houver?

Tem de particular o facto de abordar assuntos bastante precisos e particulares, não só relativos à Galiza, nação ou segmento de nação estadualizável e estadualizanda, mas também breves notícias encerradas nos apêndices, mormente as referidas ao pensador Viqueira “em expansão” do krausismo ao criacionismo, ao bergsonismo, à psicologia experimental, ao marcelianismo e, por fim, à profundização, com Pessoa, no ser e estar da *galeguidade completa* neste mundo e no futuro. E tudo isso, perspectivado desde o lirismo, mas *cum mica salis* retranqueiro.